

## **FERNANDO GUERREIRO - Presidente da Fundação Gregório de Mattos**

**Formado em Economia pela Universidade Federal da Bahia. Dirigiu e produziu peças teatrais de sucesso como *A Bofetada*, *Os Cafajestes*, *Vixe Maria*, *Deus e o Diabo na Bahia* e *Pólvora e Poesia*. É um dos apresentadores do programa Roda Baiana, na Rádio MetrÓpole FM. Presidente da Fundação Gregório de Mattos.**

### **1. Quem é Fernando Guerreiro?**

A minha trajetória é muito engraçada, porque na verdade me formei em economia pela UFBA e, em paralelo, já fazia teatro. O teatro entrou na minha vida, no primeiro ano do segundo grau, no Colégio Marista e eu comecei a ter a famosa duplicidade de vida. Tanto que até meu nome não é esse, meu nome é Fernando Ferreira de Carvalho. Eu acabei criando um segundo nome para essa dupla personalidade, porque nunca gostei muito da idéia de não poder sobreviver bem daquilo que fazia, e na época tinha uma questão assim: “no teatro não tem como você se manter”, “arte é uma coisa para se ter como hobby”, tinha muito esse discurso corrente na cidade. Então eu disse assim: “vou ter uma outra profissão e, em paralelo, vou continuar a fazer teatro”. O teatro já existia quando eu resolvi fazer economia. Só que nesse percurso surgiu uma coisa chamada “A Bofetada”, que realmente foi um divisor de águas para todos os lados, tanto para o teatro baiano como para minha vida e a vida de várias pessoas que estavam envolvidas no projeto. O que aconteceu: no grupo tínhamos algumas pessoas que eram muito ligadas à parte de administração e a gente resolveu fazer com que a peça durasse, porque até “A Bofetada” os espetáculos não permaneciam em cartaz na Bahia, tinha uma tradição de parar. Tanto que antes eu fiz “Ecos” com Filinto Coelho, em 1983, que foi um sucesso estrondoso e acabou, não tinha essa cultura de vamos deixar a peça em cartaz, duravam três meses no máximo. É importante registrar que comecei no Teatro Gamboa, em 1977, o dono era um turco que já ganhava dinheiro com teatro, então o Gamboa pagava cachê e tinha temporadas de terça a domingo, apesar de ser um teatro pequeno. Então já comecei a fazer teatro achando que poderia sobreviver com isso. Aí, quando “A Bofetada” aconteceu e virou o que virou, eu já tinha 10 anos de carreira e falei: “é agora ou nunca”. Eu tive que romper com essa divisão, larguei o economista e comecei a trabalhar só com teatro. Só que aí o meu lado administrador já existia, então quando as pessoas sempre dizem “Fernando, porque você faz sucesso? O que aconteceu?”, eu digo que “é porque sempre eu fui um diretor administrador”. As duas coisas sempre estiveram presentes. Eu fui uma das primeiras pessoas aqui em Salvador que falou de mercado, comecei a trabalhar o teatro como produto também, comecei a discutir tudo isso, a importância de trazer público. Meus projetos sempre são estruturados tendo em vista a possibilidade de fazer uma temporada mais longa, e daí acabou tendo um casamento dessas duas figuras e eu comecei a gerar produtos de sucesso, e não é só porque eles eram melhores, ou geniais artisticamente, não, é porque eles eram bem administrados, então sempre eu trabalhava em parceria com os produtores, no sentido de planejar bem, porque ao lançar um produto tem que se observar “para quem”. Você tem hoje produtos eminentemente comerciais (o que não significa que sejam ruins) e você tem produtos mais experimentais, de vanguarda, seja lá como chamam. Então por exemplo, em “Pólvora e Poesia” eu não posso achar que vou ter 400 pagantes por dia, não vai acontecer, porque é um espetáculo mais difícil, é para “poucas pessoas”. Se eu planejo o “Pólvora” para 70 pagantes eu posso ter “A Bofetada” para 300, posso ter “Cafajestes” para 400, então isso aí eu trouxe um pouco, essa leitura

de qual é o tipo de produto, e aí fui desenvolvendo minha carreira. Nesse caminho tive alguns grandes sucessos, e muitos espetáculos que não deram certo, porque as pessoas sempre falam do que deu certo, então eu acabo ficando com uma fama, que é uma fama que eu até poderia manter, mas que não é real. Eu já fiz 60 e poucas montagens, dessas dez viraram grandes sucessos. Eu fui um profissional que em determinado momento da minha vida tinha muitas peças em cartaz. Cheguei a ter nove peças simultaneamente, hoje eu não teria a menor condição física, nem de idade. A idéia era manter porque o investimento de produzir é muito grande, a idéia era produzir e tentar manter em cartaz o maior tempo que fosse possível, em paralelo eu trabalhava muito com o que eu diria “dinheiro imediato”, que é grupo de empresa. Eu tenho um grupo de teatro no Correio há 25 anos, o grupo “Olho de Boi”, no qual eu tenho um salário mensal para coordenar esse grupo; e produção de eventos, então também fiz premiação durante muito tempo. São coisas que você tem um cachê muito mais alto que a média e é um pagamento imediato, então sempre fiz eventos e criei projetos paralelos. Em seguida veio o rádio, o programa Roda Baiana, que foi um projeto que aconteceu na minha vida meio que por acaso, e a gente tem seis anos de programa. O Roda Baiana resultou no “Música Falada”, que fez cinco anos. Na verdade sempre tive em paralelo projetos que tinham um planejamento específico e que, na maioria das vezes, davam uma segurança financeira para eu poder investir em outras coisas, mais ousadas, em projetos que supostamente não teriam retorno tão imediato.

## **2. O que você entende por cultura?**

Eu diria que a cultura é um conjunto de maneiras de modificar a vida. Pelo fato de você ser um ser humano automaticamente na sua relação, no seu meio, você começa a ser um indivíduo cultural. Então a cultura é um conceito muito abrangente. Ela vai para a psicologia, para a antropologia, para as artes. Acho que é a relação do homem com o ambiente e o que ele transforma nesse ambiente. A partir do momento que ele está transformando, ele está criando uma tradição cultural. É a relação do ser humano com o entorno e a modificação que ele começa a fazer nesse entorno.

## **3. Como você avalia a produção artístico-cultural baiana nos últimos anos?**

Agora que eu estou vindo de fora, há muito tempo eu não vejo um espetáculo teatral que me empolgue. Inclusive os meus. Há muito tempo também não vejo um artista plástico ou uma companhia de dança que rompa com tudo. Então acho também que junto de tudo houve uma não renovação. Não se desenhou uma geração ainda. Nesse momento não tem uma produção genial, assim de qualidade. Acho que isso atrapalha muito a circulação. Não sei se são os tempos de internet, alguma coisa fez com que a produção ficasse meio desplugada.

## **4. O que você pensa sobre os editais e as leis de incentivo como mecanismos de financiamento da cultura? A FGM pretende lançar editais e trabalhar com uma lei municipal de cultura?**

Tem uma grande confusão que acontece com os editais. Antigamente você tinha a divisão amador x profissional. Hoje, por exemplo, você tem uma grande discussão, com relação a pulverização dos recursos, porque assim: o teatro “profissional” é um teatro hoje na Bahia que ficou muito

enfraquecido, porque precisa de um recurso muito mais alto para acontecer, inclusive faz parte de um desenvolvimento técnico mais apurado ele acontecer dessa maneira. São atores que tem 20 anos de carreira, diretores que tem 30 anos de carreira e que acabaram muito prejudicados no momento que se pulverizou o recurso e que se começou a premiar com valores muito baixos. Eu acredito que a gente vai ter que dividir assim na prefeitura: “Boca de Brasa” é um edital, o edital de cá é outro e vou ter que começar com um valor baixo, mas em algum momento a gente vai ter que classificar, porque se não ou o grupo amador vai perder sempre ou o grupo profissional vai receber um valor irrisório; 300 mil é o mínimo que se tem que ter para fazer um musical razoável, mas com 300 mil eu faço a festa de 10 grupos periféricos. Então são duas coisas diferentes, eu não posso pegar os 300, dividir pelos 10 e não ter os 300 do lado de cá, nem que eu acerte com o Estado: “olha você vai cuidar do profissional e deixa o amador comigo”. Precisa organizar isso. Existe uma confusão muito grande e eu acho que isso atrapalha. Agora, não tem outra forma de você disponibilizar recurso, ao meu ver, ou é concurso ou é edital, você vai fazer escolhas pessoais? Não tem como voltar atrás. Tem muita polêmica envolvendo editais. Como você vai fazer para liberar um recurso? Claro que no momento em que você traz o “Viva Cultura” de volta (que é a Lei de Incentivo a Cultura), você tem mais uma porta aberta, você tem a Lei Rouanet, tem os editais da FUNARTE, você tem o FAZCULTURA, tem muita opção. O que eu não quero é repetir o que o Estado já está fazendo. Eu quero abrir outros flancos, para poder trabalhar somando e não trabalhar repetindo, porque realmente não vale a pena. Eu reconheço que um dos interesses grandes que eu tenho é privilegiar grupo, porque eu acredito muito que os grupos de teatro hoje representam uma força importante, inclusive, não imediatamente mas no futuro, gostaria de fazer editais de manutenção de grupo.

##### **5. Como você avalia as políticas culturais e o mercado para cultura na Bahia e em Salvador nos últimos anos?**

Eu sinto que a gente, sem dúvida alguma, passou por um grande avanço com o PT. Uma grande mudança. A gente conseguiu sistematizar, democratizar e levar pessoas muito competentes para a área cultural. Tem duas questões hoje que eu considero que atrapalharam muito. Primeiro essa questão de desqualificar tudo que aconteceu antes. No primeiro momento isso era muito grave, porque tinha projetos maravilhosos que foram abandonados, por questões de vaidade, questões políticas e de ideologia. Então essa coisa do recomeçar para mim é sempre muito grave. Quando eu vim para Fundação muita gente me disse “Fernando, tire todo mundo”. Eu não vou tirar todo mundo. Eu não vim para cá para me vingar de ninguém. Então eu acho que isso foi uma grande atrapalhação que aconteceu no primeiro momento. E a segunda coisa que às vezes atrapalha é a necessidade de se juntar vários projetos em poucos projetos. Então quem está de fora tem a sensação de que não está acontecendo nada e na verdade muita coisa está acontecendo. A comunicação é tumultuada. Agora democratizou e sistematizou o processo todo. A gente avançou muito, sem dúvida alguma, e acredito que a tendência seja não retroagir. Acho que o orçamento pode aumentar ainda mais. Os processos de seleção para editais são democráticos, sei disso porque já participei de comissões julgadoras e nunca vi nada de errado acontecer. Agora, é a habilidade de avaliar e fazer funcionar. Às vezes tem projetos que já estão capengando, já poderiam ter sido eliminados e transformados e ficam

ali rodando. A comunicação para mim é um dos elementos mais complicados. É muito confusa e pulverizada. Eu acho que nós vivemos um enfraquecimento ético muito grande.

#### **6. Qual o papel da iniciativa privada no financiamento à cultura?**

Existe um certo pudor em fazer parceria com a iniciativa privada. Isso atrapalha porque fica tudo na sobrecarga do governo. Então acho que precisamos trazer a parceria privada. Não vai vender a cidade e botar marca na cidade inteira. Ao mesmo tempo é grana que a gente deu e que temos que trazer de volta para área de cultura. Acredito que as parcerias poderiam acontecer de uma forma mais intensa. Tem empresa que quer investir num lastro mais cultural. A Nivea quer investir em Vanessa da Mata cantando Tom Jobim. Tem outras empresas que querem a patifaria. Então é muito relativo. Precisamos melhorar muito essa relação com o patrocinador privado. Uma das grandes questões da política é a relação com as empresas privadas. Essa relação foi sempre muito confusa, muito dúbia, cheia de desconfianças. É a grande falha para mim hoje da política cultural federal. A Lei Rouanet é uma piada, o Estado paga para a empresa assinar. É uma maluquice. Então o gerente de marketing da empresa define onde o Estado vai botar dinheiro. A Lei Rouanet hoje como ela está é um equívoco.

#### **7. Qual a situação atual da Fundação Gregório de Mattos no que se refere a pessoal, estrutura e orçamento?**

Eu diria que o primeiro semestre foi um semestre de tomar pé, de organizar. Eu cheguei e fui me deparando com todas as situações, com todas as carências e a gente fez um grande plano de trabalho em conjunto com a própria prefeitura. Hoje temos 60 projetos da Secretaria Municipal de Cultura Turismo e Desenvolvimento, 15 deles na Fundação, e a gente agora vai partir para captar recursos. Temos algum recurso de fundos do governo federal e estadual que a gente consegue rodar esse ano, provavelmente consegue reabrir os teatros, colocar os editais na praça e vamos trabalhar muito com a parceria público-privada, mas ainda tenho que colocar muita coisa na Rouanet para tentar mobilizar para o ano que vem. A segunda fase é a da minha briga com a burocracia. Porque tudo é muito lento e ainda existe outra questão delicadíssima, o sistema não é montado para entender cultura, isso dificulta muito porque o procurador tem uma cabeça, todo o sistema financeiro, técnico, jurídico, tem uma cabeça para entender tudo, menos a cultura. É um processo que demora. Você tem que convencer, fazer entender, é uma questão cultural, então isso dificulta, e você está vindo de uma situação de desordem completa, que foi a gestão passada. Então eu tenho duas opções: ou eu respeito os tramites e faço um exercício oriental de paciência, ou eu vou responder processo o resto da minha vida, porque se eu passar por cima de tudo vou ficar respondendo processo, que é o que acontece com alguns gestores amigos que já entraram em órgãos de cultura do governo e estão até hoje sendo chamados para responder processo a cada semana, porque não respeitaram. Então minha opção vai ser realmente me controlar e ir tentando fazer as coisas dentro de cada limite, através de licitação, um processo no tramite legal muito complicado. Agora, simultaneamente, a cidade está há muito tempo sem ter uma política cultural, então o trabalho sem duvida é estimulante.

### **8. Qual o papel da Fundação Gregório de Matos no cenário cultural baiano?**

O papel é trazer um desenho para a política cultural da cidade. Discutir isso e chegar a algum desenho para essa política. Salvador é uma das poucas cidades brasileiras que tem uma identidade cultural muito forte. E a gente vive uma situação patética de ser o último lugar das capitais do Brasil em recursos. Temos 0,01% do orçamento para cultura, enquanto Recife tem 4%. É uma situação que precisa ser revertida. E para reverter depende da boa vontade, do interesse dos governantes e da própria cidade se mobilizar. Às vezes eu acho a classe artística muito desmobilizada. Não venha com seu projeto, venha com um projeto. Porque essa história é muito complicada. O artista me procura com algo dele e eu quero que o projeto seja bom para a cidade. Não vou produzir o show de não sei quem, mas se você chegar aqui com um projeto para realizar dez shows com dez artistas sobre o centenário de Caymmi, aí é outra coisa. Muita gente querendo algo para si, isso atrapalha muito. E falta projetos mais coletivos, mais gerais, que são projetos mais interessantes para a cidade. O diálogo da Fundação com a classe artística é direto. Tem projeto que chega aqui sem passar por edital, por seleção. Agora isso vai mudar. Vai ter que passar por um outro desenho.

### **9. Como é estar à frente desta Fundação? De que forma a sua experiência como artista contribui para a gestão da FGM?**

Na verdade durante muito tempo eu relutei. Fui convidado outras vezes para cargos públicos, mas sempre fui muito reticente a isso. Primeiro porque eu não me enxergava simplesmente gestor, mesmo da área de cultura, porque é a parte mais chata. É muito melhor você estar dentro de uma sala delirando do que estar lidando com papel, com aquela parte burocrática, isso é realmente diabólico. E segundo eu sempre tive o lado administrador, sempre tive essa segunda face, então chegou um momento que é muito engraçado: eu sempre trabalhei em fases, eu preciso sempre de novos desafios e o ano passado inteiro eu cheguei a fazer terapia porque eu estava assim: “ai que porre, minha vida tá muito igual, tá tudo muito parecido, eu vou dirigir a milésima peça, o programa de rádio já está muito tempo rodando”. Eu queria um desafio, e aí apareceu a oportunidade de vir para cá, um convite associado a uma gestão que acredito, uma gestão que vem com um caráter muito técnico. Neto tem um lado político, claro, mas acima de tudo ele é um gestor que formou uma equipe técnica, e dentro de uma secretaria chefiada por um empresário que me parece ter um lado pragmático e realizador fortíssimo, que é o Guilherme Bellintani. Então eu falei: “não tem jeito, é agora, vou correr o risco”. E também tem uma coisa, a gente fala muito “ah, a cidade está péssima”, “ai meu deus do céu, o movimento cultural está um desastre”, eu falei: “eu tenho que fazer alguma coisa”, sem nenhum sentido moralista, religioso, nem nada, mas eu precisava conhecer um pouco o outro lado, porque isso inclusive está sendo um aprendizado. Se me perguntassem: o que você está levando disso? Aprendendo muito. É impressionante como a gente de fora, tem uma visão totalmente equivocada do que é o serviço público. Quando você está dentro, principalmente no meu caso, que tenho um cargo de liderança, de chefia, de presidência, é muito complicado. Hoje eu pensaria dez mil vezes antes de criticar alguns gestores que já critiquei, porque percebo como é complicado você trabalhar dentro de uma máquina que é diabólica. Se você não for muito esperto, o demônio passa por cima e você morre, literalmente tira todas as suas energias. Então está sendo importante também porque eu estou pegando uma Fundação que está saindo de uma situação muito grave. A gestão dos

últimos quatro anos da Fundação foi desastrosa, não por culpa do gestor, por culpa da própria prefeitura, do prefeito que não tinha interesse nenhum na área cultural, isso aqui ficou jogado. Eu brinco sempre assim: quero fazer algumas coisas rodarem, quando essas coisas rodarem, eu continuo ou não. Eu quero basicamente colocar os teatros para funcionar, edital voltar a rodar, a lei de incentivo também, reimplantar o “Boca de Brasa”, conseguir um lugar decente para colocar o arquivo público, ou seja, tem algumas metas, algumas missões que são desafiadoras. Estou muito chocado ainda com a rotina, porque meu horário de trabalho sempre foi vespertino e noturno, agora me vejo às cinco e meia da manhã acordado, então é um assombro, não porque eu seja notívago, mas porque minha produtividade matinal sempre foi terrível, e às vezes me libero às 20 horas e estou pela rua zanzando sem sono algum. Isso foi uma coisa que me chocou no primeiro momento, que ainda me choca, adaptar o horário de sono e o cotidiano com a quantidade de trabalho que tenho aqui. Se não me disciplinar, não almoço, não tenho final de semana e entro pela noite adentro, aí não tem mais vida afetiva, não tem mais nada, é muita coisa para fazer. Como já tenho certa maturidade, tenho o freio de mão puxado, então paro, desço, tomo um café e volto. Eu tenho uma organização para não deixar o trator passar por cima.

#### **10. A FGM pretende criar um Sistema Municipal de Cultura e um Conselho Municipal de Cultura. Como se dá a relação da FGM com a SecultBA e o MinC?**

A implantação do Sistema Municipal de Cultura está em fase de ajuste de algumas questões com a própria prefeitura, para colocar em votação na Câmara. A gente realiza a Conferência de Cultura nesse final de mês, que é a conferência que acontece a cada dois anos e até agosto elegeremos um Conselho de Cultura para depois fazer o Plano Municipal de Cultura e entrar no circuito nacional. Esse projeto de Gil e de Juca é sensacional, porque ultrapassa as gestões, fica instituído, e você pode mudar de partido, mudar tudo e ele vai continuar, então é uma coisa que tenho o maior interesse. Quanto a relação da FGM com a Secult e o MinC, vamos falar primeiro da minha gestão pessoal. Eu tive indicação técnica, não política, então eu tenho uma relação muito positiva com o pessoal que está na gestão cultural. Inclusive com o próprio pessoal do PT e do PCdoB, não tenho problema. E o próprio prefeito tem passeado bastante com Wagner. Os dois têm feito várias parcerias. O MinC já fez um projeto comigo, estamos partindo para o segundo. Acredito que em relação a interface nós estamos muito bem. Tenho uma relação muito boa com Albino Rubim também, o Dois de Julho fizemos em parceria. Eu provoquei Paulo Dourado para fazer um espetáculo sobre o Dois de Julho. Paulo produziu, eu não tive como bancar, Domingos Leonelli bancou. Está tendo muito essa interface. Eles estão me ajudando muito pra criar os editais. Pode ser que 2014, com as eleições, o negócio degradingole. Então estou correndo agora para agilizar o máximo de parcerias que puder.

#### **11. Qual a situação e como se dá a gestão de cada um dos espaços que a FGM administra? Quais as prioridades, principais projetos e desafios da sua gestão?**

Bem, eu tenho que fazer uma requalificação dos espaços, colocar o Benin para rodar como ele deveria, reabrir o restaurante; tenho que requalificar o Museu da Cidade, que hoje está muito confuso, a tipografia dele é muito confusa; tenho que reabrir a Barroquinha, que estava a seis anos

funcionando sem Alvará, um monumento tombado, sem sistema de proteção contra incêndio, e já queimou antes, então isso é um problema; tenho que reabrir o Teatro Gregório, que estou quase conseguindo através de parceria com uma empresa privada, só que tem um complicador, toda a equipe de funcionários que existia no Gregório desceu para a Barroquinha, então não tenho funcionário. Então vou ter que fazer uma parceria, uma terceirização, para ver quem vai comandar o teatro. O Gregório hoje está assim: com a parte física resolvida, só que não tem som, luz, nem ar, vou ter que trazer esses equipamentos para colocar o Gregório para rodar. Na minha cabeça os dois espaços vão ter que funcionar *full time*, serem grandes centros de convergência de grupos, tanto daqui como da periferia, com cursos, oficinas, espetáculos. O Gregório pode inclusive ser um café teatro, porque agora tem um bar/restaurante lá em cima, ele pode ter festa, no saguão sempre teve festa, baile, então é um teatro multiuso mesmo, eu tirei cortina, tirei tudo, é um espaço vazio como o Vila Velha. Tem aqui do lado o Espaço Quati, atrás da prefeitura, que é um projeto de Lina Bo Bardi lindíssimo, onde funcionou o Zamzibar, que estava esquecido, também pretendo talvez criar um grande centro de artistas plásticos. O projeto “Boca de Brasa”, que eu diria que é a menina dos olhos da gestão, que é um projeto de Mário que volta requalificado, ou seja, além da carreta ir para o bairro no final de semana, que era como acontecia, vou trabalhar com oficinas durante a semana inteira, tentar mapear grupos que tenham força e importância, tanto que as oficinas vão ser para grupos não para atores novos e vou tentar fazer uma grande rede em toda essa região periférica da cidade, para o “Boca de Brasa”, gerar um edital em 2014 só pra esses grupos, e tentar criar uma expertise em cada localidade, se Hip Hop é a expertise de Plataforma, então Plataforma vai virar um grande centro de pesquisa e estudo do gênero. O que acontece muitas vezes é que você tem uma pulverização, Plataforma tem samba, jazz, dança, teatro, mas onde é que ele é muito bom? Não é que vai acabar os outros, mas vamos dar um reforço. Nordeste de Amaralina é o que? Blocos de rua, ou seja, descobrir e incentivar. Por exemplo, a Barroquinha vai virar o grande centro de difusão da cultura negra. Porque ali foi um terreiro de candomblé, o primeiro terreiro de Salvador. O espaço casa com isso. Ângelo Flávio que está gerenciando, tem uma longa tradição dentro do movimento negro da arte e está vindo com essa expertise para trazer lançamento de livros, debates. Vai ter uma priorização para abrigar esses públicos. Pretendo reabrir o restaurante Benin com Ana Célia, que é a grande mestre de culinária Africana na Bahia, talvez no Brasil. Quero que alguns grupos residentes voltem a trabalhar no Benin. O Arquivo Público precisa de uma sede nova, funciona aqui muito mal. Eu preciso tirar isso daqui da sede da Fundação Gregório de Matos com urgência porque é um acervo magnífico com risco de ser prejudicado a qualquer momento. E tem uma coisa em conversa que é a desapropriação. A prefeitura tem esse poder. A gente pode desapropriar casas e entregar a grupos, que é uma das discussões que a gente está tendo em relação ao Pelourinho. O Pelourinho precisa ser ocupado, ele pode virar um grande centro de criação artística. Podemos ter no Pelourinho aula de percussão, aula de dança, aula de teatro, artes plásticas, pintura. O Pelourinho já tem essa expertise. Uma vez saí do Museu Casa do Benin e fui até o Santo Antônio, o número de ateliês que tem ali é impressionante, de restauradores e de artistas de primeira. Tem que fazer essas coisas rodarem. E para rodar você tem que ter aula, tem que ter discussão, debate, porque aí começa a atrair as pessoas. Foi uma grande questão que a primeira reforma fracassou: ela criou um shopping. Uma estrutura de shopping sem pertencimento. E aí degingolou. Se eu quiser fazer aula de percussão

aqui não sei onde vou, então se você tem um centro de percussão, você vai lotar. Agora tem projetos, projetos e projetos. O que conseguirei realizar só “Nossa Senhora da Burocracia” sabe. Eu tenho mais medo hoje da burocracia do que da falta de recurso. Porque muita coisa se resolve com gestão. Mas a burocracia atrapalha também a gestão. Eu estou agora com o “Capoeira Viva”, que é um projeto que a gente herdou da gestão passada, que tinha uma verba do MEC. Eu estou tendo tanto problema para liberar essa verba que eu estou quase perdendo e não conseguindo realizar.

**12. O que você pensa sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais? E quanto à meia-entrada? Qual é a maior dificuldade em relação à formação de público para a cultura?**

Se virar moda estamos perdidos, a gente perde o mercado. Porque quando você faz um evento como o TCA com R\$1, domingo de manhã, quem vai é realmente quem não pode pagar R\$40. Agora, quando você faz um evento anoite por R\$1, quem paga R\$40 vai querer pagar R\$1. Então acho que realmente tem que facilitar, mas tem que facilitar com políticas de formação de plateia. Essa é uma cidade que não tem transporte. Então se eu faço o espetáculo por R\$1 a pessoa que vem de Plataforma não volta, não adianta nada, não vou atingir o que eu quero. Depois que teve o “Sua Nota Vale um Show”, ninguém mais queria pagar a Concha Acústica. Os espetáculos fracassavam. As pessoas só queriam de graça. Tem que ter a medida. São projetos específicos de duração curta. Como é o caso do “Domingo no TCA”, que é um sucesso, ou do Teatro XVIII. O público que ia para o Teatro XVIII era o público que não podia pagar R\$40. Trabalhei lá durante um ano e eu ficava impressionado. Tem que ter cuidado para não generalizar. Porque aí depois eu quero montar um espetáculo, não tenho apoio, quero montar pela bilheteria e ninguém paga. Depois vai pra Igreja Universal e dá um dízimo de R\$1000. Eu diria, inclusive, que ela é o nosso grande concorrente. Eu fui agora para Cajazeiras e tem uma rua com 17 Igrejas Universais. E Cajazeiras não tem um espaço de cultura. Os pastores viraram grandes animadores e a gente vai perdendo espaço. Os teatros estão virando igreja. Quero deixar claro que existem vertentes evangélicas muito positivas, mas tem uma galera radical.

**13. A FGM também é responsável hoje pela organização de festas populares da cidade, como o Dois de Julho e o Carnaval. Qual o plano de gestão para festas populares desse porte?**

Um dado importante que eu tenho novamente comprovado agora no Dois de Julho: a nossa expertise internacional é em festa de rua, ponto! É onde nós somos insuperáveis. Não adianta, em nenhum lugar do mundo existe um Dois de julho daquela maneira. Não existe um Carnaval dessa maneira em nenhum lugar do mundo. Então eu acho que Salvador tem uma expertise de eventos *outdoor*, em eventos de rua. A cidade tem uma grande vocação pra isso, é um ponto que a gente vai de alguma maneira dar um reforço, inclusive a SALTUR vai trabalhar muito com um calendário de eventos da cidade. Vai ter um grande festival de música, um grande festival para criança, um grande festival LGBT, a cidade volta a ser calendarizada e a não ficar presa no Carnaval, um grande evento de Semana Santa, existe uma discussão muito grande em trazer alguma espécie de turismo religioso em volta de Irmã Dulce, que é famosa no mundo inteiro. O Carnaval já vem renovado, já vem com um grande reforço no Centro, a meu ver o Carnaval do Centro vai ser o *top* desse ano, você vai ter Afródromo, um movimento chamado Furdunço. Assim como o Pelourinho achou sua expertise, um



Carnaval para terceira idade, criança e família, o Carnaval do Centro estava confuso, então deixa a Barra com os tops, porque também os tops vão fazer outras coisas, então o Centro vai virar um Carnaval sem corda, vai virar como era o Carnaval de 20 anos atrás, já numa outra perspectiva, com blocos de samba, que são blocos que hoje em dia puxam milhares de pessoas. Vai ter toda uma redistribuição, vai ser um circuito novo que vai interromper na Praça Castro Alves, que volta a ser um grande polo de atração, porque vai ter um palco ou um trio promovendo encontros. O Carnaval do Centro, ao meu ver, vai ser o grande destaque de 2014.

**14. Como você percebe a questão da profissionalização na área cultural? Quais as principais necessidades do mercado baiano hoje?**

Hoje precisamos muito de técnicos. Chega de artista. Precisa de diretor. Tem uma lacuna de bons diretores. Uma geração nova que está meio desfacelada. Produtor executivo, contra-regra, montador, cenógrafo, figurinista, iluminador: isso é o grande problema, e, principalmente, a figura do produtor, do organizador. As pessoas me pedem alguém para ensinar a fazer projeto. Muitas vezes você chega a uma determinada classe social que um cara não consegue fazer um projeto com tanta exigência. Mas você precisa também que as pessoas nos bairros comecem a se interessar em trabalhar com produção. Isso facilita. Hoje tem um fenômeno muito interessante que eu tenho observado: antigamente quando alguém nascia em Paripe e conseguia uma ascensão, fazia mestrado, doutorado e se mudava pra Pituba. Hoje não. Hoje as pessoas estão ficando nos bairros. Isso está sendo muito positivo. Por que a música baiana, a meu ver, desfacelou? Porque ela saiu para a Praia do Forte. Saiu dos bairros, acabou a raiz. Então as músicas vão se perdendo.

**15. Qual a importância da crítica na área da cultura? Como você avalia a crítica na Bahia hoje?**

Eu sou um dos maiores debatedores dessa questão. A gente vive uma lacuna tenebrosa em relação à crítica na Bahia. Muito pouca gente trabalhando com isso. A crítica é fundamental para que a gente reavalie nosso material enquanto artista, para que o movimento artístico cresça, se desenvolva, reflita, e a Bahia perdeu esse mote. Um ou outro jornalista se arvora, mas é que cai muito no pessoal "você falou mal de mim". Eu comecei a comentar alguns espetáculos da cidade no Facebook, criou tanto problema que eu parei, tem que, além de tudo, mudar a cabeça do artista. Claro que tem que ser crítica embasada, não é simplesmente falar de qualquer maneira. É uma lacuna impressionante, que gera essa produção mediana que falei, porque acaba tendo uma inflexão sobre a produção. Não se discute a produção, então acaba ficando muito no elogio. Estreia mesmo eu detesto, porque todo mundo gosta, queira ou não queira!

**16. O que e/ou quem (projetos/espacios/instituições) você destacaria em termos de gestão cultural na Bahia e por quê?**

Acho a gestão do TCA genial, desde o primeiro governo de Wagner. Acho que foi um acerto absoluto. Marcio Meirelles teve muitos avanços e uma dificuldade de comunicação muito grande. Ele foi bem intencionado, mas teve uma comunicação que atrapalhou muito a vida dele. Acho que o ICBA precisa voltar urgente à cidade. O ICBA foi, na minha formação como artista, fundamental na década de 1970 e início da década de 1980, com Roland Schaffner, ele foi um grande animador cultural da cidade, e o

ICBA hoje tem uma peça de “caju em caju”. Tem o grupo Dimenti lá agora, é um instituto que tem dinheiro, a Alemanha manda grana e fica lá, caretão. Era o point de Salvador dos malucos. Acho que precisa voltar a ter uma gestão interessante. Plataforma é um show. É inacreditável o que Ana Vaneska consegue fazer, não tiraria ela de lá nunca. Tenho acompanhado direto, tenho ido lá sempre. A gestora de Alagados também é sensacional, está lá há 30 anos. O Solar Boa Vista tem um problema sério com a comunidade, Brotas ainda não foi conquistado pelo Solar, não conseguiu casar com o entorno, ficou uma coisa meio solta. O Xisto ainda é um espaço que está perdido, ainda não tem uma fisionomia clara. O Teatro Vila Velha funciona super bem, é um espaço importantíssimo na cidade. O Gamboa me parece perdido aí no meio, em algum momento de transição. Acredito muito nesse novo gestor do Museu de Arte Moderna, conversou comigo, achei as ideias dele geniais. Acho que vai fazer história se derem suporte pra ele. Não posso deixar de falar da Escola de Dança da Funceb, Beth Rangel tem um trabalho de primeira linha. O Neojibá nem se comenta, é um sucesso. A OSBA encontrou o caminho, voltou a ter um destaque, voltou a ter uma política, mas ainda acho que as informações não chegam. Ontem eu peguei o guia da Fundação Cultural para acompanhar tudo, porque muitas vezes eu, que sou rato de jornal e de internet, não sei. Acontece alguma coisa e eu não sei. Ainda tem uma questão de comunicação. De modo geral, acho que vou dar uma opinião polêmica, acho que falta genialidade na criação, os produtos estão medianos. Se achou expertise, mas está faltando o grande salto. Para os espaços da Fundação falta desenhar uma fisionomia.

**\*Entrevista realizada por Marina Montenegro e Nina Fonseca, no dia 08 de julho de 2013, na Fundação Gregório de Mattos, em Salvador.**